

EROS: O AMOR QUE INSISTE EM NOS SALVAR

Por Carlos Colect

Falar sobre o amor é um tanto quanto complexo, visto ser como um rio com muitas vertentes e nomes. O Amor voa por um caminho de mistérios que jamais poderá ser definido em sua plenitude. Não há limites para a sua compreensão. Em uma de suas aparências, bem o descreveram os antigos na forma de um menino que, alado, sai ao encontro de um coração distraído para fazer-lhe com a sua flecha ferido e cativo. Menino de face meiga, que quer mesmo é saber de brincadeira. Filho de Afrodite, deusa da beleza; e de Ares, deus da guerra. Atrai os olhos com pérolas e sedutores vestidos, mas também traz consigo os conflitos. Jeito impulsivo, atrevido, que se diverte ao tornar alguém partido. Cupido para os latinos, *Eros* para o Olimpo, voa sem um determinado destino ou, quem sabe, não, pois os gregos antigos também acreditavam que as coisas inexplicáveis da vida são obra do Destino, um deus que não pode ser contrariado e mentido. Dele, jamais se pode fugir, ainda que alguém tente é com afinco perseguido até que a vontade destinada seja concretizada. Há quem creia que o deus Destino seja o autor dos encontros inexplicáveis do Amor e, com sua mão, direciona a flecha do menino *Eros*, sem que ele mesmo se faça percebido.

Ele bate as suas asas, incessantemente, em busca de corações fragilizados pela incoerência existencial; atordoados pelo vazio doloroso da vida sem sentido. Para o filósofo Platão, o amor é falta. Para ele, o amor *Eros*, enquanto desejo e energia vital, manifesta-se em direção ao objeto que me falta, objetivando a completude-do-ser. Ou seja, a falta e a incompletude me despertam o amor *Eros* em busca de preenchimento. É, segundo a visão grega, o anseio dos andrógenos por sua parte perdida, por sua metade. É, em essência, o desejo por ter a si mesmo.

É justamente este o movimento primitivo que faz com que o bebê se movimente em direção ao seio da mãe. Para a sua satisfação e prazer o faz. É um alívio da tensão da falta existencial. Ao ser aliviado, diminui-se o *Eros*. No entanto, quando o seio lhe é tirado, num caminho saudável, o amor *Eros*, enquanto energia vital, evolui para o compromisso do amor *Fileo* e *Agapao* (gr.), cuja motivação não é primitiva da falta, mas o compromisso social e moral com aquele objeto que promoveu o saciar. Está, assim, no campo da racionalidade e laço afetivo, não mais instintual e pulsional.

Atualmente, o amor *Eros* (primitivo, instintual, energia vital) tem estagnado e predominado entre as expressões do amor, devido aos vários movimentos sociais, dentre os quais está a alteração da base familiar e da infância. Muitos processos de separação entre pais criam outro modelo inverso, em que o bebê acaba permanecendo na posição do próprio objeto de prazer do Amor Eros para o cuidador que com ela fica, não havendo, desta forma, a consciência da castração e, por assim, a evolução para outro nível. Em outras palavras, o bebê se torna o alívio da tensão da mãe ou do pai. Nesta condição, a psique do bebê não avança para os outros níveis do amor racional e afetivo, mas permanece na ideia pulsional do Eros, gerando o amor líquido descrito pelo sociólogo Bauman. É preciso compreender que, no processo cerebral natural, o amor Eros, comumente chamado de paixão e encantamento, é castrado para que se estabeleçam relações mais sólidas, fazendo referência ao episódio do mito grego, onde Chronos (Tempo) corta as asas de Eros (desejo, paixão, pulsão vital).

Quando não há essa compreensão psíquica, desconstruímos a mentalidade institucional de família e comunidade, reduzindo-nos à vivência do prazer momentâneo, produzindo uma prisão no desejo pulsional da paixão e uma angústia de um futuro nebuloso. Haja visto, muitas imagens de Cupido (*Eros*) sendo morto circulando nas redes sociais, revelando uma insatisfação e, ao mesmo tempo, aprisionamento, pois a sensação de falta e incompletude é muito grande, gerando mais Eros (desejo) pelo preenchimento. De outro modo, tudo o que você deseja matar exerce um grande poder sobre ti. Assim, o desejo de matar Eros (cupido) não demonstra a castração natural feita pelo Tempo (*chronos*), e sim um grande desejo pela vida que se encontra na flecha de Eros, residente na mente humana de todas as épocas.

Crescemos em contato com o mundo romântico dos contos de fadas e dos mitos, os quais expressam e revelam um Eros salvador, um amor pulsional que insiste em salvar todos os que estão tomados por um sono profundo da inconsciência, como relata o mito em que Eros salva a Psique do seu sono e, casando-se com ela, concebem o filho *Voluptas*, chamado Prazer. Esta base é encontrada nos famosos contos da Branca de Neve, Cinderela ou A bela e a Fera. Quem sabe, esta seja a essência do amor que reside em nossa mente e deseja salvar nossa Psique, em busca de gerar o prazer, ou seja, o alívio da tensão existencial.

Assim foi registrado no psiquismo humano: quando bebês, inconscientes de si mesmos, confusos e num sono profundo acerca do nosso próprio mundo, encantamo-

nos ardentemente pelo grande Ser com seios mágicos e acolhedores. Na ocitocina liberada, no hormônio do elo e conexão, encontramos a salvação para a nossa dor e vazio. Desde então, o amor passou a carregar a imagem de um salvador. O texto bíblico exemplifica este pensamento, ao dizer: *"Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna."*(João 3.16). Observamos, aqui, o processo do amor como um processo de salvação, ou seja, como um afastamento do sono profundo da finitude. Porém, o amor que insiste em nos salvar também nos pedirá a morte e negação de si mesmo: *"Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará."* (Lucas 9.23,24). Neste prisma, a salvação proposta pelo amor consiste em uma perda de si. O amor que nos salva também nos expulsa de nós mesmos e nos leva para fora de nosso estado infantil endeusado.

Eros, como uma pulsão vital, exige que o ego narcísico — voltado apenas para si mesmo — seja quebrado, saia da posição de majestade, perceba e tenha consciência de que existe um outro para além das minhas imagens projetadas sobre esse outro e que esse não existe apenas para me satisfazer e dar prazer, e sim para me tirar do estado egóico infantil e me puxar para a realidade. Assim é a mãe que, nesta nossa primeira relação significativa e profunda, não existe apenas para satisfazer o bebê, mas também para potencializá-lo e puxá-lo para fora do seu estado infantil e majestoso, no qual está impossibilitado de perceber e ter contato com a realidade do outro. Bom que isto ocorra e, quando ocorre, adentramos a realidade e entendemos as relações significativas como meios que nos possibilitam crescer no mundo real.

Tendo em vista estas considerações, o amor insiste em nos salvar de nós mesmos. Todavia, para que isto ocorra, é necessária a existência de um objeto (pessoa) que corresponda e acolha esta energia. Caso não haja a correspondência, a energia do Eros se transforma em sintoma, em dor e sofrimento ocasionados pela frustração.